

U Globo. 24-12-59

A CRÔNICA de Rubem Braga

MORTOS E VIVOS

O FATO de haver eu mesmo voado há dias de Brasília em um "Viscount" da Vasp como que me familiariza mais com esse desastre, me faz visualizar o interior do aparelho onde há caras tão conhecidas e amigas como as de Otávio Tarquínio e Lúcia, Cabellito e Luciano Carneiro — gente boa, cordial e limpa, excelentes papos para uma viagem dessas.

De todos quem eu menos conhecia era Luciano, e o amigo mais chegado era certamente Cabello, amigo desde 1934, em São Paulo, quando ele regressava do Prata, onde fôra exilado como revolucionário de 32.

Tarquínio eu conheceria pouco depois; e quando saiu meu primeiro livro, "O Conde e o Passarinho", em janeiro de 1936, me comoveu, naquele ambiente de medo em que a reação enchia as cadeias e silenciava as vozes, o artigo generoso e animador que ele escreveu no "Diário de Notícias".

Admitir que tanta gente, e gente assim, morra porque a displicência oficial da Aeronáutica não se lembrou de que aviões militares não devem fazer treinamento em faixas de evoluções de aeronaves comerciais é dar à estupidez o apelido de fatalidade.

* * *

Vítor Costa deixou um filho e muitos protegidos, mas quero pedir ao Governo atenção para os milhares de órfãos de sua sensibilidade e de seu amor à beleza — os passarinhos de sua casa da Lagoa. E' uma coleção como pouquíssimas haverá no mundo. Se estamos queimando os tubos em Brasília, por que não lhe dar imediatamente uma atração maravilhosa como essa?

Pague o Governo um preço alto, e sempre terá pago pouco, pois mais do que a soma do valor comercial de cada ave e de cada pássaro vale a coleção pela paciência e pelo longo, minucioso carinho com que ela foi feita pelo bom Vítor.